

Educação Ambiental & Desenvolvimento Sustentável

Coletânea de artigos

Fabio Ortiz Jr

a Vilvanita Dourado de Faria Cardoso, pelo norte,

a Marcel Bouquet, pela luz,

a Carmem Lucia Soares, pelo caminho.

Mestres e, sobretudo, educadores.

À guisa de apresentação (pós-escrito, Dez 2006)

Esta coleção de artigos foi primeiramente pensada como uma contribuição mensal ao jornal Correio da Serra, recém-criado quando conheci o município de Santo Antonio do Pinhal, no começo de 2000.

Bastaram-me duas ou três visitas à cidade e algumas conversas afortunadas para perceber a necessidade e a importância da valorosa iniciativa de Claudemir Oliveira, o Viola, dono da Viola Pães & Doces, e de Ana Paula Costa, jornalista e dona da Casazul Modas, que juntaram forças na criação de um informativo independente e sério, voltado para o amplo interesse da comunidade local. Tanto quanto me lembro, meses depois, em visita à redação, ofereci-me para colaborar graciosamente com o jornal, criando uma coluna que procurasse esclarecer a população quanto aos riscos de vermos perdida talvez a derradeira oportunidade para a criação de um futuro minimamente saudável para Santo Antonio. A Ana, generosamente, aceitou de imediato e aguardou.

Os temas, eu suponha, deveriam ser tratados e desenvolvidos de forma a aliar seriedade e leveza, conteúdo denso e facilidade de compreensão. Não sei se consegui e há aqui algumas explicações que julgo necessárias.

Primeiro, eu ainda morava e trabalhava em São Paulo. Segundo, ainda não tinha a visão suficientemente clara do que pretendia realizar com a aquisição do sítio feita em Abril daquele ano (foi muito interessante observar a evolução das idéias nos meses subseqüentes). Terceiro, os anos seguintes foram tão pródigos em atribuições e dificuldades de toda ordem que só por milagre (aliás, uma sucessão deles) o sonho não se inviabilizou. De sorte que foi somente em Agosto de 2005 que encontrei tempo e tranqüilidade para escrever.

Como poderá ser percebido no decorrer da leitura, nos primeiros quatro artigos ensaiei, tateei numa possível aproximação cautelosa entre um público indefinido (agora regional) e o conhecimento que desenvolvi em mais de cinco décadas de ricas e dramáticas experiências. Mas eles serviram bastante bem para diluir minhas dúvidas sobre o que escrever e para quem. A partir do quinto artigo minha escolha estava feita: formadores de opinião, agentes de transformação.

Devo confessar que minha oferta de colaboração não era tão desinteressada quanto poderia parecer lá nos primeiros parágrafos acima. Depois de viver 50 anos em São Paulo, viajar muito pelo Brasil e um tanto pelo mundo, ser geólogo depois de editor e livreiro, mais tarde analista de sistemas e consultor de corporações, mas sempre sobretudo professor, agora retomando as raízes das geociências pela visão ambientalista para resultar enfim em um educador ambiental, decidi viver os próximos 50 em Santo Antonio e sua bela região, por certo acaso felizmente esquecida pelo "crescimento econômico" nos últimos 30 anos. Interessa-me que as pessoas compreendam que não é possível ocupar desordenadamente os espaços vitais, não é possível apropriar-se predatoriamente dos recursos que a natureza ainda oferece, não é possível eliminar outros seres e outras espécies como se fossem lixo, não é possível pensar que tudo é como sempre foi ou que será sempre como é, não é possível consumir a vida do planeta Terra e esperar que tudo continue a parecer que sempre estará bem e imutável, não é possível prosseguir neste modelo insano e irresponsável de "desenvolvimento" e "progresso" sem aniquilar qualquer expectativa de futuro para as próximas (e talvez poucas) gerações que nos sucederão. Penso mesmo que no ritmo em que a carruagem desanda, provavelmente nós mesmos pagaremos o preço. É terrível e é real.

Ah, sim, o sítio: nele eu e algumas pessoas de muito boa vontade estamos criando um centro de educação e pesquisas ambientais. Traremos crianças, estudantes, turistas; afinal, mantemos e nutrimos a esperança de futuro, mas com os pés no presente.

Cidadania e Democracia (1)

Artigo 29, publicado no Correio da Serra, Santo Antonio do Pinhal, SP, edição de Out 2008

Capítulo Nove: abordemos agora a relação entre Cidadania e Democracia.

Será possível o exercício da cidadania sem democracia? É possível o exercício da democracia sem cidadania?

Lembremos ainda uma vez Vygotsky (v. Sustentabilidade e Cidadania, Ago 2008): *“Uma palavra que não representa uma idéia é uma coisa morta, da mesma forma que uma idéia não incorporada em palavras não passa de uma sombra.”*

A frequência da palavra “democracia” no cotidiano concorre com a diversidade de interpretações a ela associadas (quando há alguma), muitas vezes até mesmo em sentidos antagônicos (como ocorre, p.e., com as palavras “amor” ou “Deus”).

Já não me espanta vê-la mais enunciada justamente pelos que menos a compreendem e exercitam, usada nesses casos como um álibi. É comum vê-la associada ao pretense “direito” de alguém fazer o que bem entender, não importando as conseqüências quer para si, quer para os outros (o que bem pode resumir o que entendo por “irresponsabilidade”).

Como veremos, democracia tem a ver com **liberdade**, que traz consigo a inseparável noção de **responsabilidade**, fruto da **alteridade** (v. Espaço e Ambiente, Jul 2006).

O termo *“démokratía”* teve origem na Grécia antiga (em Grego, *“dêmos”* significa “povo” e *“kratía”* é “força, poder”). Logo, numa tradução literal, significa, em princípio, “poder do povo” ou ainda “poder exercido pelo povo”.

Nossos dicionários lhe atribuem pelo menos oito significados, registrando assim a diversidade de interpretações. Agrupando-as para uma abordagem inicial simplificada, no primeiro grupo temos:

- “país em que prevalece um governo democrático”;

- “força política comprometida com os ideais democráticos”.

Estas interpretações apenas designam uma situação ou qualidade, quer para um país, quer para um grupo político. São de pouca valia neste momento de nossa reflexão porque auto-referentes (usam a palavra “democrático” para definir “democracia”; assim, ficamos na mesma).

Já no segundo grupo temos:

- “governo do povo; governo em que o povo exerce a soberania”;

- “sistema político comprometido com a igualdade ou com a distribuição equitativa de poder entre todos os cidadãos”;

- “pensamento que preconiza a soberania popular”.

Neste grupo notamos uma entidade composta por uma população de seres humanos, genericamente nomeada pelas palavras “povo” ou “cidadãos”; e há também as referências ao poder, representado pelas palavras “governo”, “soberania”, “sistema político”. É a literal tradução de “poder do povo”, para que a *liberdade* da maioria não se veja submetida por uma minoria.

Em um terceiro grupo temos:

- “governo no qual o povo toma as decisões importantes a respeito das políticas públicas, não de forma ocasional ou circunstancial, mas segundo princípios permanentes de legalidade”;

- “governo que acata a vontade da maioria da população, embora respeitando os direitos e a livre expressão das minorias”;

- “sistema político cujas ações atendem aos interesses populares”.

Neste grupo de interpretações podemos notar que o poder (“governo”, “sistema político”, “decisões”), ainda que expressão da “vontade” da maioria da população, deve observar certos **limites** para que haja “igualdade ou distribuição equitativa de poder entre todos os cidadãos” (*liberdade*), pois há referências claras a respeito de “princípios permanentes de legalidade”, “políticas públicas”, “respeito aos direitos e livre expressão das minorias”, manifestações estas do que podemos entender por *responsabilidade* de cada um e de todos, filha da *alteridade* (o Outro e seus direitos).

A parte obscura neste terceiro grupo reside naquele “interesses populares”. Como bem sabemos (e a História registra a ferro e fogo, além de muito sangue) Adolf Hitler foi eleito em 1933 por escolha da maioria do eleitorado alemão. Barrabás, não Jesus de Nazaré, foi solto por escolha popular. Você conhece algum exemplo atual?

Mergulhando no tempo, busquemos as origens conhecidas da democracia em

Atenas, na Grécia, cerca de 400 anos antes de Cristo (século V a.C.). A democracia ateniense dava-se numa cidade-estado com cerca de 500 mil habitantes: destes, 300 mil eram escravos; dos 200 mil restantes, desconsiderando-se as mulheres, as crianças e os estrangeiros, restavam cerca de 40 mil cidadãos, os que tinham diretos políticos.

Ao que consta, o filósofo Platão (v. Ecologia e Educação, Mar/Abr 2007) a detestava. Porém, não porque não representasse uma democracia plena (e aí vai-lhe o primeiro adjetivo), mas porque, sob sua ótica, gente demais exercia o poder e o povo podia ser facilmente manipulado por demagogos...

Hannah Arendt (1906-1975, alemã), filósofa e teórica política, que faria 102 anos neste Outubro, dedicou sua vida ao estudo da condição humana e à luta contra o totalitarismo. Voltaremos a ela.

No próximo artigo avançaremos nesta reflexão.

Cidadania e Democracia(2)

Artigo 30, publicado no Correio da Serra, Santo Antonio do Pinhal, SP, edição de Nov 2008

Capítulo Nove: avancemos para concluir esta reflexão sobre Cidadania e Democracia.

Desde criança vejo-me a observar algo que bem pode ser resumido pelo pensamento do escritor, dramaturgo e poeta Oscar Wilde (1854-1900, irlandês):

"Viver é a coisa mais rara do mundo. A maioria da gente apenas existe."

A professora Dulce Critelli, da PUC de São Paulo, diz em uma de suas obras: *"Todos somos atores de nossa[s] vida[s], mas nem sempre podemos [conseguimos] ter sua autoria. O pensar [e o escrever] favorece[m] a autoria da existência."* Em outras palavras, abre as portas para o viver.

Hannah Arendt, citada no artigo anterior, escreveu dois trabalhos fundamentais como pensadora política e filósofa ativa: *As Origens do Totalitarismo*, em 1951, e *A Condição Humana*, em 1958.

Hannah não era uma pesquisadora acadêmica típica, de linguagem difícil e distante do cotidiano do cidadão comum; ao contrário, tratava de atividades que estão ao alcance de todo ser humano: refletir, *"o pensar, o querer, o julgar"*, o labor, o trabalho e, principalmente, a **ação**. Sua indagação essencial era: ***o que estamos fazendo?***

Nela, *"o essencial é compreender... um processo complexo, uma incessante atividade, criadora de sentido, sempre variada e em permanente mudança, por meio da qual nos ajustamos ao real, conciliamo-nos com nossas ações e nossas paixões"*.

Hannah procurava, como nota o professor e ex-ministro Celso Lafer, ali "compreender as origens do **isolamento** e do **desenraizamento**, sem os quais não se instaura o totalitarismo, aí entendido como uma forma de governo e dominação baseado na organização

burocrática de massas, no terror e na ideologia".

Ele lembra que "o isolamento destrói a capacidade política, a faculdade de agir". No dizer de Hannah, é aquele *"impasse no qual os homens se vêem quando a esfera política de suas vidas, onde agem em conjunto na realização de um interesse comum, é destruída."*

O isolamento é a base de toda tirania e o totalitarismo exige também o desenraizamento, que desagrega a vida privada e destrói as ramificações sociais. Para Hannah, *"não ter raízes significa não ter no mundo um lugar reconhecido e garantido pelos outros; ser supérfluo significa não pertencer ao mundo de forma alguma."*

Ainda para Lafer, esta conjugação de *isolamento* (destruidor das capacidades políticas) e *desenraizamento* (destruidor das capacidades de relacionamento social), permitindo a dominação totalitária, se produz quando, na palavras de Hannah, *"o homem isolado, que perdeu seu lugar no terreno político da ação, é também abandonado pelo mundo das coisas, quando já não é reconhecido como homo faber [trabalhador ativo], mas tratado como animal laborans [sobrevivente], cujo necessário 'metabolismo com a natureza' não é do interesse de ninguém"*.

Na lembrança de há 120 anos de Oscar Wilde, *"hoje em dia conhecemos o preço de tudo e o valor de nada."*

As comunidades humanas são tão mais saudáveis e fortes quanto mais desenvolvidos são os seus laços sociais, o sentimento de pertença (o fazer parte de), a solidariedade, o bem-estar individual e o bem-estar público, enfim, a **cidadania**.

No centro da ação de Hannah está a preocupação com a criação do espaço da *res publica*, o bem comum, a coisa pública (a república).

Como vimos, **democracia** ("poder exercido pelo povo") tem a ver com **liberdade** (do Latim "*libertas*", "condição de pessoa livre"), que tem a ver com **responsabilidade** (do Latim "*respondere*", "responder", e anteriormente do Indo-europeu "*spend*", "firmar um compromisso"), que tem a ver com **alteridade** ("o Outro").

Theodore Parker (1810-1860, estadunidense) pensador, escritor e conferencista cujas idéias encontraram eco em líderes como Abraham Lincoln e Martin Luther King Jr, logo, também no recém-eleito presidente dos EUA, Barack Obama, dizia isto de outra forma: "*A democracia não significa 'sou tão bom como você', mas sim 'tu és tão bom como eu'.*"

No artigo anterior mencionamos Atenas, a cidade-estado grega conhecida como o berço da democracia há mais de 2 mil anos. "*Pólis*", em Grego, "cidade", depois passou a "reunião de cidadãos" ou ainda "Estado livre". "*Politeia*", que em Grego é "qualidade e direitos dos cidadãos", passou em Latim a "*política*",

que é "sistema governativo". Ao voltar aos gregos, deu "*politiké*", que tornou-se "ciência dos negócios do Estado".

Platão, tantas vezes aqui citado, assim resumia sua visão a respeito: "*Uma das desvantagens em nos recusarmos a participar da política é que acabamos sendo governados por nossos inferiores.*"

Já o nosso divertido Barão de Itararé (Aparício Torelly, 1895-1971, gaúcho), jornalista, escritor e pioneiro do humorismo político dizia: "*É preciso combater sempre. Discordo da teoria de que os povos empenhados na luta pela democracia devam esperar o seu desfecho para concretizar suas aspirações. É no próprio curso do conflito que se afirmam os valores dos que prezam a liberdade. Por isso, não compreendo um combatente dependendo de um relógio de pulso, embora seja verdade que todo combatente deva ter pulso para lutar, mesmo que não tenha relógio.*"

No próximo artigo, para atingir o ponto de fervura, abordaremos a relação entre democracia e utopia.